

Territorialização de um Epistemicídio: autoras/es brasileiras/os referenciadas/os nos Programas de Pós-Graduação em Ciência da Informação no Brasil

Territorialization of an epistemicide: Analysis of Brazilian authors referenced in graduate programs in Information Science in Brazil and abroad

Vitória Gomes Almeida   

Ermeson Nathan Pereira Alves  

Dávila Maria Feitosa da Silva   

Resumo

Analisa como as/os autoras/es brasileiras/os da Ciência da Informação estão sendo referenciadas/os nas disciplinas de fundamentos em Ciência da Informação, no que se refere tanto às referências básicas como complementares. A pesquisa faz uso das teorias decoloniais como instrumento analítico para o tratamento dos dados obtidos. Seu delineamento metodológico se caracteriza como bibliográfica, no que tange ao levantamento da literatura em Ciência da Informação e dos estudos coloniais, e se utiliza da perspectiva da pesquisa documental, através da verificação de documentos primários dos programas das disciplinas em fundamentos de CI das pós-graduações brasileiras na área supramencionada. Dentre os 16 programas de disciplinas analisados, de pós-graduação em CI do Brasil (Mestrado e Doutorado), observa-se que 75% das referências utilizadas se configuram como estrangeiras e apenas 25% são nacionais. Destaca que a UFAL (45), UnB (46) e UNESP (39) foram as três principais universidades com o maior índice de referências estrangeiras, já no que se refere ao maior uso de referências nacionais a UFC (23) se destaca, seguida da UFSC (17) e da UDESC (15). No que tange às/os autoras/es brasileiras/os mais referenciadas/os, Carlos Alberto Ávila Araújo está em primeiro lugar, seguido de Lena Vânia Ribeiro Pinheiro, Marta Ligia Pomim Valentim e Hilton Japiassu, dois últimos empatados com o mesmo quantitativo de vezes. Conclui que é longa a trajetória de referências europeias e norte-americanas basilares nos programas de pós-graduação na CI brasileira e que é preciso que as produções nacionais reafirmem o seu lugar na ciência.

Palavras-chave: Colonialidade do Saber. Epistemicídio. Produção Científica.



folha de rosto

Revista de Biblioteconomia e Ciência da Informação

Juazeiro do Norte, v. 7, n. 1, p. 9-27, jan./abr. 2021. ISSN 2447-0120. DOI 10.46902/2021n1p9-27.

Abstract

It analyzes how Brazilian authors of Information Science are being referenced in the disciplines of fundamentals in Information Science, with regard to both basic and complementary references. The research makes use of decolonial theories as an analytical tool for the treatment of the data obtained. Its methodological design is characterized as bibliographic, with regard to the survey of the literature in Information Science and colonial studies, and it is used from the perspective of documentary research, through the survey of primary documents of the programs of the disciplines in CI fundamentals of the Brazilian graduations in the aforementioned area. Among the 16 subject programs analyzed, of the 16 graduate programs in CI in Brazil (Master and Doctorate), it is observed that 75% of the references used are configured as foreign and only 25% are made up of national references. It highlights that UFAL (45), UnB (46) and UNESP (39) went to the three main universities with the highest index of foreign references, as far as the greater use of national references is concerned, UFC (23) stands out, followed by UFSC (17) and UDESC (15). Regarding the Brazilian authors / authors, the most referenced, Carlos Alberto Ávila Araújo is in first place, followed by Lena Vânia Ribeiro Pinheiro, Marta Ligia Pomim Valentim and Hilton Japiassu, two last tied with the same number of times that were referenced. It concludes that the trajectory of European and North American references in postgraduate programs at Brazilian CI is long and that Brazilian productions need to reaffirm their place in science.

Keywords: Coloniality of knowledge. Epistemicide. Scientific production.

1 Introdução

A institucionalização da Ciência da Informação (CI) no Brasil decorre de fatores sociais, técnicos e científicos que se inicia ainda na década de 1950, e se concretiza efetivamente vinte anos mais tarde com o Curso de Pós-Graduação (Mestrado) em Ciência da Informação do Instituto Brasileiro de Bibliografia e Documentação (IBBD), atual Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia (IBICT).

Apesar das dificuldades iniciais no processo de implantação e desenvolvimento desse programa de pós-graduação (falta de qualificação docente, literatura especializada da área de origem nacional, dificuldade na estruturação das linhas e disciplinas do programa) (GOMES, 1974), hoje, cinquenta anos depois, o panorama da CI brasileira é completamente distinto, ao apresentar um robusto e consistente quadro de pesquisadores, produção científica e programas de pós-graduações em vários estados brasileiros, cujas agendas de pesquisas são multifacetadas metodológica, teórica e tematicamente. Direcionar o olhar para os programas de pós-graduação se mostra nesse sentido, como um campo rico de reflexões, por trazer diversos elementos essenciais para a compreensão da CI e suas particularidades no contexto brasileiro.

A forte presença de literatura estrangeira, que é utilizada para o embasamento de estudos e no ensino, é algo que remonta ao período de implantação do

primeiro mestrado em CI, em que houve a contratação de professores estrangeiros oriundos dos EUA e Europa para a constituição do corpo docente, bem como pelo fato da Pós-Graduação ter sido construída com base na incorporação dos estudos, teorias e pesquisadores estrangeiros para elaboração e disciplinarização dos cursos (SILVA; FREIRE, 2015).

Seguindo por esse caminho, surgem indagações relativas aos quadros de autoras/es utilizados nos programas de disciplinas de Fundamentos ou Epistemologia em Ciência da Informação do Brasil, por conterem aspectos essenciais sobre o ensino, e as dimensões políticas que a perpassam, uma vez que refletem a escolha docente de assuntos, autores, metodologias e formas de avaliação utilizadas na pós-graduação. Salienta-se que não se questiona o direito e liberdade de cátedra docente, mas objetiva-se refletir sobre as dimensões políticas dessas escolhas, uma vez que a ciência enquanto uma invenção histórico-social é marcada por profundas e complexas relações de poder.

Desse modo, coloca-se como objetivo analisar as/os autoras/es brasileiras/os referenciadas/os nas bibliografias básicas e complementares na disciplina de fundamentos (teóricos, históricos e epistemológicos) da CI nos programas de pós-graduação em Ciência da Informação do Brasil. A intenção é dimensionar a presença de autoras/es brasileiros em contraponto com as/os estrangeira/os na bibliografia da disciplina dos fundamentos da área, visando identificar quais produções, brasileiras ou estrangeiras, se recorre para a utilização das atividades desenvolvidas em sala, visando à formação discente.

Sabendo que atualmente a produção científica brasileira possui um robusto quadro de trabalhos publicados, queremos identificar se esses estudos se encontram obliterados por produções de pesquisadores estrangeiros. Parte-se da afirmação de Grosfoguel (2016) que fala do privilégio epistêmico que os homens ocidentais possuem sobre a produção do conhecimento na ciência em detrimento do conhecimento produzido por outros corpos políticos, que geram não somente injustiça epistêmica/cognitiva como se configuram enquanto um dos mecanismos usados para privilegiar projetos imperiais/coloniais/patriarcais no mundo.

Enquanto autoras/es que experienciam diferentes opressões, devido aspectos de raça, classe, gênero e sexualidade falamos das margens como diz bell hooks (1989) lugar esse de repressão, mas também, local de resistência e criatividade, que tornam possíveis novos discursos críticos. Esperamos assim que nesse espaço crítico possamos fazer perguntas não feitas antes, desafiando a autoridade colonial do centro e seus discursos hegemônicos (KILOMBA, 2019).

Tendo em vista essas considerações queremos responder: quantos e quem são as/os autoras/es brasileiras/os estudadas na pós-graduação em Ciência da Informação do Brasil? As/os autoras/es brasileiras/os são estudadas/os em menor número do que as/os autoras/es estrangeiras/os? É possível identificar aspectos da colonialidade do saber e epistemicídio na Ciência da Informação brasileira? Para tanto, utilizaremos para análise os estudos desenvolvidos pelo pensamento decolonial, por acreditarmos que contribuirão para a reflexão acerca dos dados obtidos, ao discutirmos as relações de poder existente na ciência, a colonialidade do saber, epistemicídio e possibilidades de resistência a partir da decolonialidade.

2 Procedimentos Teórico-Metodológicos

Nos últimos anos, o pensamento decolonial tem ganhado força na ciência brasileira, sendo utilizado em diversas áreas do conhecimento para o desenvolvimento de críticas no que tange as manifestações das colonialidades e as possibilidades decoloniais de enfrentamento as estruturas hierárquicas de raça, gênero, heteropatriarcado e classes que continuam a controlar a vida, o conhecimento, a espiritualidade e o pensamento, decorrentes do colonialismo, capitalismo e da modernidade ocidental (WALSH, 2018).

A CI acompanha essa tendência e começa a crescer os estudos que partem de uma perspectiva decolonial, visando identificar as relações entre colonialidade do poder, saber e ser no âmbito dos estudos da informação. Nesse sentido, a investigação aqui proposta se constitui como exploratória em que objetivamos desenvolver reflexões preliminares sobre esse tema, a partir da análise dos programas da disciplina acerca dos fundamentos da CI na pós-graduação.

Também se configura enquanto bibliográfica por se munir dos estudos de pensadores da CI, tais como Bufrem (2018), Arboit (2010), Araújo (2018), só para citar alguns, bem como de estudos decoloniais produzidos por Walsh (2018), Grosfoguel (2016) e Segato (2018).

Ademais se define como pesquisa documental por fazer uso de documentos primários, os programas brasileiros de pós-graduação em Ciência da Informação da disciplina de fundamentos em CI. Tais documentos foram obtidos, a partir da realização de busca nos sites dos programas de pós-graduação do Brasil, e quando não encontrados, foram solicitados por e-mail para as coordenações de

curso dos programas. A coleta de dados se deu no primeiro semestre de 2020 e os documentos analisados foram referentes ao mesmo ano¹.

Tivemos um total de 16 programas de disciplinas, que podem ser identificados no quadro abaixo o programa de pós-graduação brasileiro, a instituição de nível superior (IES) ao qual está vinculada, o nome da disciplina e o nível a que se refere:

Quadro 1 – Programas de Pós-graduação em CI do Brasil analisados

PPGCI - IES	Nome da disciplina	Nível
PPGCI – UFC	Fundamentos Teóricos e Epistemológicos da Ciência da Informação	Mestrado Acadêmico
PPGCI - UFS	Fundamentos em Ciência da Informação e Gestão da Informação e do Conhecimento	Mestrado Profissional
PPGCI - UFPE	Fundamentos da Ciência da Informação	Mestrado e Doutorado
PPGCI - UFPB	Fundamentos Teóricos Da Ciência Da Informação	Mestrado e Doutorado
PPGCI - UFBA	Fundamentos Históricos e Epistemológicos da Ciência da Informação	Mestrado e Doutorado
PPGCI – UFAL	Fundamentos Teóricos Da Ciência Da Informação	Mestrado Acadêmico
PPGINFO - UDESC	Fundamentos de Ciência da Informação	Mestrado Profissional
PPGCI - UFES	Epistemologia da Ciência da Informação	Mestrado Acadêmico
PPGCI - UFF	Ciência Da Informação: Trajetos E Horizontes Epistemológicos	Mestrado e Doutorado
PPGCI - UFMG	Fundamentos da Ciência da Informação	Mestrado e Doutorado
PPGCI - UFSCAR	Epistemologia em Ciência da Informação	Mestrado Acadêmico
PPGCI - UFSC	Fundamentos da Ciência da Informação	Mestrado e Doutorado
PPGCI - UNESP	Bases Epistemológicas em organização do conhecimento	Mestrado e Doutorado
PPGCINF - UNB	Fundamentos da Ciência da Informação	Mestrado e Doutorado
PPGCI - USP	Epistemologia da Ciência da Informação	Mestrado e Doutorado
PPGCIN - UFGRS	Perspectivas em Ciência da Informação	Mestrado Acadêmico

Fonte: Elaborado pelos autores.

Como as disciplinas possuem nomenclaturas diferentes, foram investigadas as ementas sendo consideradas como critérios de equivalência, disciplinas que abordavam a Ciência da Informação sob perspectiva histórica, teórica, filosófica e epistemológica.

¹ A coleta de dados para esse trabalho inicia-se com uma atividade desenvolvida pelos discentes no âmbito da disciplina de Fundamentos Teóricos da Ciência da Informação no Curso de doutorado da Universidade Federal da Paraíba no primeiro semestre de 2020. Para a realização deste texto, levantamentos adicionais foram feitos com vistas a contemplar o objetivo proposto.

A partir da constatação de sua equivalência, foram analisadas as referências presentes nos programas de disciplinas a partir dos seguintes aspectos: quantitativo de autoras/es brasileiras/os e estrangeiras/os nas bibliografias, sexo das autoras/es², levantamento das autoras/es mais referenciados nos programas de pós-graduação do Brasil.

Quanto à forma como o material obtido foi analisado, se configura enquanto quali-quantitativo, em que os dados da pesquisa foram dispostos em um software de planilha eletrônica visando à organização e posterior apresentação sob a forma de gráficos e tabelas, para serem posteriormente analisados à luz do referencial teórico da CI e dos estudos decoloniais.

3 Ciência e Colonialidade do Saber

A ciência como produto da ação humana se configura como um espaço onde inovação, produção de conhecimento, novas proposições teórico-metodológicas podem ser elaboradas, assim como pode ser um espaço onde relações de poder podem se reproduzir, manifestadas através das múltiplas formas de preconceito, tais como discriminação por gênero, etnia/raça, classe social, geração, nacionalidade, entre outros.

Dentre as formas de manifestação das relações de poder, uma em particular destacamos aqui com vistas a pensar nosso objetivo, o eurocentrismo, que nas palavras de Walter Mignolo (2018) se constitui enquanto um fenômeno epistêmico que recebeu o nome da localização territorial de atores, linguagens e instituições que conseguiram projetar como universais seu próprio sentido e visão de mundo.

Esse princípio de universalidade ou totalidade, segundo Mignolo (2018) tem duas trajetórias que partem de uma mesma fonte que é a distinção epistêmica entre sujeito conhecido e objeto conhecido: a primeira trajetória, decorre da história interna da Europa em que o objeto a ser conhecido é identificado dentro de um contexto sócio-histórico europeu e o sujeito cognoscente é considerado o conhecedor europeu. Ou seja, universidades e museus enquanto instituições que promovem a construção do conhecimento e da cultura ocidental, consolidaram o conhecedor europeu como pensadores (sejam eles, filósofos, teólogos, escritores, astrônomos, matemáticos, teóricos jurídicos, “artistas” etc.) existentes

² Ao fazermos essa classificação binária, não se pretende com ignorar a existência de outros marcadores de gênero, mas sim pelo fato de desconhecermos entre as/os autoras/es analisados algum que se identifique como trans ou não binário.

em todos os períodos de sua história, que vai desde a Grécia e Roma antiga, passando pela Idade Média europeia, a Renascença, Iluminismo e modernidade.

Já a segunda trajetória, propiciada com a invasão e a invenção da América, trouxe consigo uma nova dimensão, baseada na seguinte suposição: se o conhecimento é respaldado em uma relação sujeito / objeto, e se o europeu é o sujeito cognoscente, o resto do mundo conseqüentemente, é objeto do conhecimento europeu. Desse modo, o sentido europeu da totalidade do conhecimento e seu efeito totalitário foi devastador para a dignidade e humanidade das pessoas no resto do planeta (MIGNOLO, 2018).

Com as novas configurações político-econômicas, a hegemonia da Europa passa a ser compartilhada com a América do Norte, fazendo com que se nomeie de Euro-América-centrismo. Pensando a relação entre territórios e relações de poder, Rita Segato (2018) fala que somos percebidos como uma emanção da paisagem geopolítica a que pertencemos, em que o aspecto da raça enquanto uma leitura histórica dos nossos corpos (história essa que divide o mundo entre colonizadores, colonizados e seus herdeiros), define como somos lidos, classificados e racializados.

A raça enquanto uma manifestação visível nos corpos da ordem geopolítica mundial é organizada pela colonialidade (SEGATO, 2018), e essa por sua vez é mais do que uma palavra, mas se constitui como a abreviatura de uma configuração complexa de construção, gestão e controle realizada por atores ocidentais que, por um lado, se apresentam como sujeitos orientados por uma totalidade de conhecimentos que eles próprios geraram e, por outro lado, por suas subjetividades (emoção, sensação, raciocínio) são moldadas por aquilo que eles próprios criaram (MIGNOLO, 2018).

Esse padrão organiza a distribuição de verdade e valor dos saberes, em que o Norte tem seu valor reconhecido na produção de ideias, e o Sul como consumidores-aplicadores de categorias que chegam formuladas e pré-fabricadas pelo Norte branco. Em suma, a Euro-América-centrismo que alcança e contamina o trabalho intelectual produzido nas universidades, faz com que a produção acadêmica receba uma valoração diferenciada entre o conhecimento e as produções intelectuais das/os autoras/es do Norte e do Sul (SEGATO, 2018).

Nas palavras de Grosfoguel (2016) essas configurações de poder geram o privilégio epistêmico, em que o conhecimento produzido por outros corpos políticos e geopolíticos do conhecimento tem gerado injustiça cognitiva, ao desqualificar outros conhecimentos e vozes críticas frente aos projetos imperiais/coloniais/patriarcais que regem o sistema-mundo.

Esse autor ao refletir sobre o cânone do pensamento nas humanidades e nas ciências sociais, constata que o pensamento ensinado é fundamentalmente encontrado numa teoria produzida por homens de cinco países da Europa ocidental, a saber: Itália, França, Inglaterra, Alemanha e os Estados Unidos, e por isso ele questiona: “Por que o que hoje conhecemos como teoria social, histórica, filosófica, econômica ou crítica se baseia na experiência sócio-histórica e na visão de mundo de homens destes cinco países?” (GROSFOGUEL, 2018, p. 27).

Sua crítica recai no fato das teorias serem resultado de uma conceituação baseada nas experiências e sensibilidades sócio-históricas concretas, assim como a concepção de mundo desses espaços e corpos sociais particulares. Com a universalização das teorias/pensamentos advindos da Europa e mais recentemente América do Norte, o que se pode observar na ciência é a existência de teorias limitadas à experiência e visão de mundo de alguns poucos países no mundo. A influência desse pensamento, por ele denominado de privilégio epistêmico, tem gerado inferioridade epistêmica e como consequência o epistemicídio do conhecimento produzido a partir das experiências sócio-históricas e concepções de mundo do Sul global feito por pessoas de diferentes raças, etnias, gênero e classe.

A alternativa que pressupõe uma ciência mais igualitária, visibilizando e reconhecendo como válidas o pensamento de diferentes corpos políticos, segundo Grosfoguel (2018) é a decolonização das universidades ocidentalizadas e para isso será necessário: 1. reconhecer que teorias ditas “universais” são na verdade provincianas provocando o racismo/sexismo epistêmico; 2. romper com o universalismo onde um (“uni”) decide pelos outros, a saber, a epistemologia ocidental; 3. se encaminhar para a diversidade epistêmica do cânone do pensamento, criando o pluralismo de sentidos e conceitos, onde a conversação interepistêmica, entre muitas tradições epistemológicas, visando novas redefinições para velhos conceitos e criando novos conceitos plurais com “muitos decidindo por muitos” (pluri-verso), em lugar de “um definir pelos outros” (uni-verso).

3.1 Produção Científica na Ciência da Informação e Epistemicídio

Ao se entender a produção científica inserida numa dada relação de jogos de poder, que nos lembra Bufrem (2018), sobre o aumento e a complexidade dos estudos de produção científica que demonstram a impossibilidade de estabelecer limites às maneiras de expressão do fazer científico, impõe-se, como tarefa fundamental, a crítica aos procedimentos e formas dessa produção do

conhecimento, tendo em vista sua renovação por um lado conservadora em suas funções e, por outro, modificadora da complexidade científica instituída.

Neste seguimento, conforme o estudo de Arboit (2010), a expansão da área de CI, bem como sua institucionalização científica vem permitindo a gradual inclusão de novas/novas autoras/autores, eixos temáticos e modos de produção científica. Por sua vez, entendendo-as num ambiente de disputadas de narrativas, tal progressiva apropriação de novos agentes é resultante de lutas políticas, diante das exigências de novas concepções, ou linhas filosóficas, sociológicas e econômicas, permitindo à área um espectro de abertura universalista.

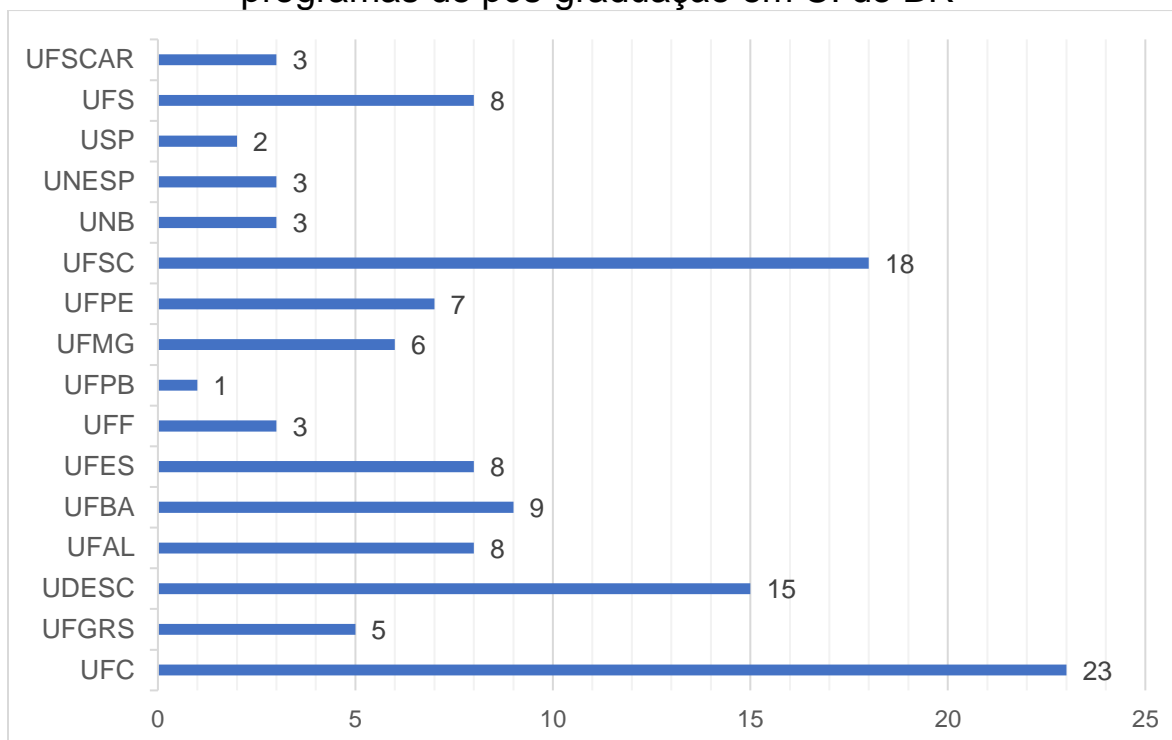
Ainda de acordo com a autora, se verifica a inserção progressiva da multiplicidade de narrativas, intelectuais e temas na construção epistêmica nas produções científicas da área de CI. Corroborando com sua afirmação, Bufrem, Breda, Freitas e Sorribas (2009) em um estudo sobre a produção científica periódica da CI brasileira, entre os anos de 1970 a 2008 indicaram que nas últimas três décadas houve uma ampliação de artigos sobre o tema da epistemologia, em que várias autoras/es brasileiras/os tiveram uma efetiva contribuição ao terem suas linhas de pesquisas voltadas para esse tema.

Em outra pesquisa mais recente, Azevedo (2019) em um estudo sobre trabalhos apresentados no GT1- “Estudos Históricos e Epistemológicos da Informação” do ENANCIB, no período 2014 a 2016 identificou 67 pesquisas, com trabalhos que abordavam o campo científico da Ciência da Informação, Epistemologia da Ciência da Informação, História da Ciência da Informação, Paradigmas da Ciência da Informação, Teoria da Informação, Filosofia da Informação entre outros.

Demais pesquisas sobre esse tema, como os de Pinheiro (2009) sobre o mapeamento bibliométrico do conceito de informação em dois periódicos, ou os de Arboit, Bufrem e Moreiro-Gonzalez (2011) que realizaram um levantamento dos documentos publicados fora do país de pesquisadores brasileiros em CI, demonstram reiteradamente a crescente produção de estudos na área de CI, sobretudo no que se refere ao campo teórico-epistemológico.

No entanto, aqui se busca analisar se toda essa produção das/dos cientistas da informação brasileiras/ros têm sido absorvida no âmbito do ensino da pós-graduação, e a partir da mensuração das referências das bibliografias básicas e complementares de programas de pós-graduação em Ciência da Informação do Brasil, pudemos identificar:

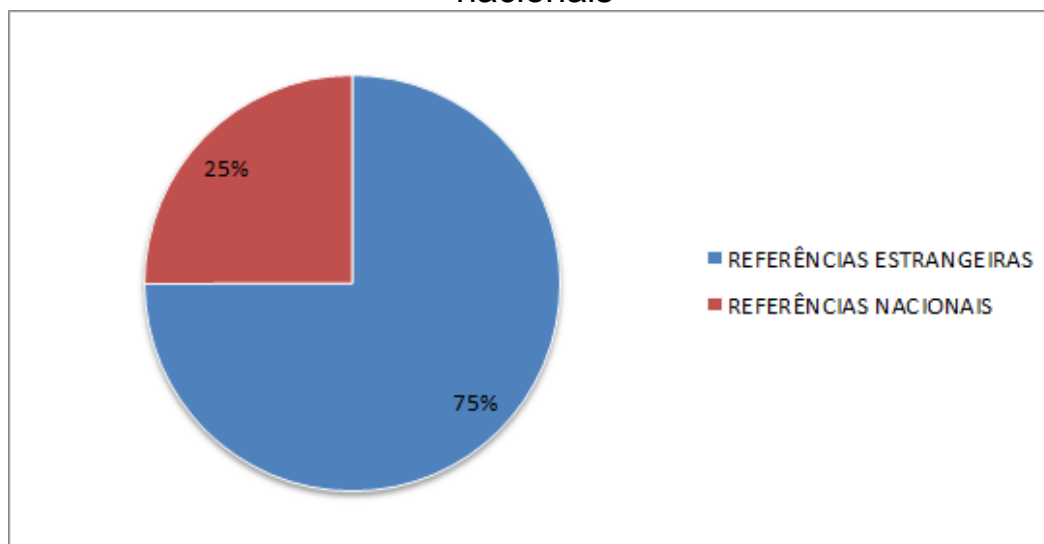
Gráfico 1 – Quantitativo de referências de autoras/es brasileiras/os nos programas de pós-graduação em CI do BR



Fonte: Elaborado pelas/os autoras/es

No levantamento realizado com os programas da disciplina de fundamentos em CI em 16 programas brasileiros de pós-graduação em Ciência da Informação constatar a presença de 114 referências brasileiras nas bibliografias, enquanto o número de referências estrangeiras era de 341, em sua maioria esmagadora de autoria masculina. Devido à grande quantidade de dados obtidos, todos aqueles que se referem a autoras/es estrangeiras/os serão apresentados em um outro trabalho, para que nesse possamos aprofundar a análise dos dados de autoras/es brasileiras/os presentes nos programas analisados.

Gráfico 2 – Comparativo referências de autoras/es estrangeiros e referências nacionais



Fonte: Elaborado pelas/os autoras/es.

Um dos dados que chamou a atenção foi elevado quantitativo de referências estrangeiras nos programas analisados que excede em mais do que o dobro, o número de referências brasileiras. As universidades com maior quantitativo de referências nacionais foram: UFC (23), UDESC (15) e UFSC (18). Em contrapartida, é possível observar na tabela abaixo que os programas com o maior quantitativo de referências estrangeiras, são os mesmos que possuem o menor número de referências nacionais:

Tabela 1 – Programas com Maior Quantitativo de Referências Estrangeiras

IES	Referências Estrangeiras	Referências Nacionais
UFAL	45	8
UNB	46	3
UNESP	39	3

Fonte: Elaborado pelas/os autoras/es.

Podemos pensar a partir desses dados descritos na tabela 1 o seguinte questionamento: qual o motivo de se utilizar referências estrangeiras em detrimento das autorias nacionais? Boa parte da resposta se concentra na perspectiva das marcas identitárias da Ciência da Informação serem provenientes do Norte da América e da Europa. No entanto, podemos também refletir e indagar a partir desse lugar, desproporcional, o porquê de 50 anos após a institucionalização da CI no Brasil, continuarmos a privilegiar autores

estrangeiros, em detrimento dos autores/autoras pesquisadores/pesquisadoras nacionais.

Além disso, pode-se questionar se essas referências estrangeiras dão conta de se pensar a Ciência da Informação Brasileira. Universalizar a CI, como não propõe Saracevic (1996), é compreender que as suas dinâmicas múltiplas se desdobram em fenômenos informacionais de acordo com cada contexto social, cultural, político e econômico dos diferentes territórios existentes no globo. O que afirmamos aqui é que esses quadros demarcatórios e a complexidade dos estudos informacionais se desdobram em dinâmicas que as perspectivas Norte Americana e Europeia não dão de conta de contemplar, porque o fazem a partir de sua realidade, problemas e experiência vivenciada pelas/os pesquisadoras/es envolvidas/os.

Ao se refletir sobre a indagação posta, e o quantitativo expressivo das publicações estrangeiras, parte-se do pressuposto da existência do lugar de subalternidade das produções de autoras/es brasileiras/os em relação às produções científicas desenvolvidas pelas/pelos intelectuais estrangeiras/estrangeiros (sobretudo da Europa e dos Estados Unidos), em que Dussel (2015) explica que o lugar da subalternidade epistemológica se dá no âmbito do que o autor denomina de *ego conquiro*, ou seja, a construção do Outro (neste caso colonial) como um ser que é "conquistado" (*dominatum*), dominação essa que excede a dimensão política e econômica, mas alcança aspectos sociais, culturais, epistêmicos, etc.

Um exemplo em que se pode pensar essa afirmação de Dussel (2015), é a afirmação frequentemente mencionada em estudos sobre produção científica da necessidade de periódicos científicos e autoras/es publicarem em inglês, visando internacionalização, e maior visibilidade, visto que "a ciência é feita em inglês".

Para Santos (2019, p. 25) em seu livro 'O Fim do Império Cognitivo: a afirmação das epistemologias do Sul', estar do lado colonial da linha abissal ³"[...] equivale a ser impedido pelo conhecimento dominante de representar o mundo como seu e nos seus próprios termos". Santos (2019) denomina de Epistemologias do Sul, não apenas em sentido geográfico, mas em seu sentido epistemológico do Norte em relação ao Sul, que se caracteriza por essa produção científica que fica na linha abissal do conhecimento científico, quando não é lhe permitido o seu lugar

³ Linha abissal é um termo utilizado por Santos (2019) para se referir às epistemologias do sul numa estrutura de hierarquia de opressão das mais diversas ordens: epistemológicas, corporais, sociais, etc.

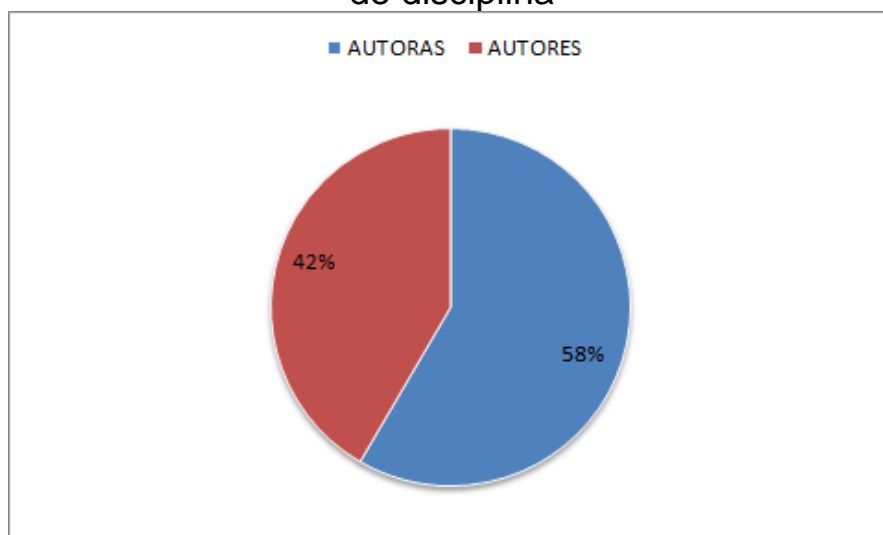
de fala em relação ao euro-americano-centrismo possuidor da fala e do conhecimento universal.

Assim o que se critica aqui não é o não uso da literatura estrangeira, mas sim a necessidade de adequação de publicar em outros idiomas (sobretudo inglês) para alcançar reconhecimento e visibilidade, quando o oposto não ocorre (necessidade de autores estrangeiros publicarem em português para serem lidos e referenciados aqui no Brasil): foram identificadas mais de 226 referências estrangeiras que não estavam traduzidas (inglês, francês e espanhol), na qual 81% das referências tinha como idioma o inglês.

Desse modo as estruturas que moldam a produção científica são muito mais determinadas por marcadores sociais do que se é explicitamente enunciado. Acerca das bases da construção do conhecimento científico, é Kilomba (2019) sobre a relação da outridade, afirma que essa tem papel central para definição do que é aceito enquanto científico e acientífico, ou o que possui visibilidade ou não, inserindo determinadas produções de conhecimento sob a dominação do poder hegemônico que muitas vezes são os mesmos países com histórico de dominação colonial.

Apesar de não nos determos nesse trabalho, a análises que contemplem os dados das referências estrangeiras, é importante dizer que essas possuem um número predominante de autores em detrimento de autoras. Esse aspecto é o oposto do que é observado aqui no Brasil, em que foi contabilizado nas 114 autoras/es a presença de 63 autoras e 51 autores brasileiros:

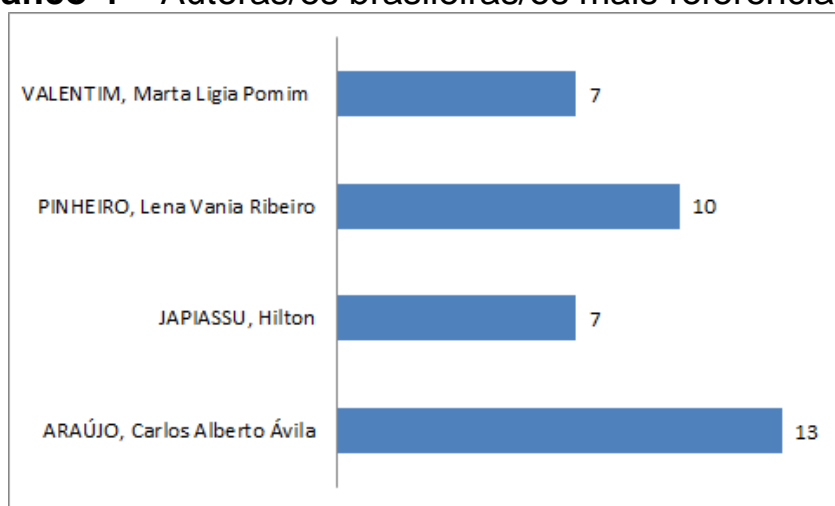
Gráfico 3 – Sexo das/os autoras/es brasileiras/os referenciados nos programas de disciplina



Fonte: Elaborado pelas/os autoras/es.

Esse dado nos remete a comentar uma pesquisa realizada em 2013 por Lena Vânia Pinheiro sobre a elite de pesquisadores em estudos teóricos de Ciência da Informação, em que ela identifica apenas mulheres, totalizando oito, enquanto as mais produtivas e cujos artigos têm abordagem sócio-histórica, epistemológica e interdisciplinar. Trazemos esse estudo, agregado aos dados apresentados que indicam maior quantitativo de mulheres referenciadas nos programas de disciplina, como possibilidade de estudos futuros, visando investigar se há um protagonismo das mulheres na produção de pesquisas sobre fundamentos teóricos e epistemológicos em CI do Brasil. Destaca-se o gráfico 4, podemos ver a presença duas autoras como as que possuem mais menções nas referências dos programas de pós-graduação:

Gráfico 4 – Autoras/es brasileiras/os mais referenciados



Fonte: Elaborado pelas/os autoras/es.

Entre os autores mais mencionados, destaca-se Hilton Japissu, filósofo e pesquisador brasileiro com carreira consolidada na área de epistemologia e história da ciência. Além dele, Vera PortoCarrero, Maria Cecília Minayo e Ivan Domingues, foram autoras/es sem formação na área de CI que foram identificados.

Outros autores da CI que cabem menção são: Eduardo Wense Dias e Hagar Espanha Gomes foram autoras/es da CI 5 vezes referenciada/o, Jaime Robredo 4 vezes, Marlene de Oliveira, Cristina Dotta Ortega, Solange Puntel Mostafa, Henriette Ferreira Gomes, Aldo de Albuquerque Barreto e Miriam Aquino, tiveram por sua vez 3 ocorrências de referências de sua autoria.

4 Reflexões que se Iniciam

O epistemicídio é uma violência de longa data que afetou/afeta diversos povos, culturas, grupos sociais, de diferentes gêneros, raças e religiosidades, baseado na hierarquização dos conhecimentos. Trazendo o conceito de epistemicídio de Boaventura de Sousa Santos (1995) este estaria pautado na subalternização, subordinação, marginalização, ou em ilegalizar práticas e grupos sociais que ocorre/ocorreu tanto no espaço periférico, extra europeu e extra-norte-americano do sistema mundial, como no espaço central europeu e norte-americano, contra os trabalhadores, os índios, os negros, as mulheres e as minorias em geral (étnicas, religiosas, sexuais).

Seu processo atua de modo a destruir a civilidade e racionalidade do outro, que é considerado diferente, inferior, subalterno (SANTOS, 1995). Esse modus operandi, no entanto, não é exclusivo de grupos hegemônicos, mas ocorre também a partir da reprodução do epistemicídio em grupos subalternizados. Isso se explica através do cânone de pensamento das disciplinas das universidades da América Latina, por exemplo, ser formado em sua maioria por homens europeus ou norte-americanos, quando diversos países latino-americanos possuem um robusto quadro de produção científica nacional, que acaba sendo preterida.

A argumentação de epistemicídio evocada ao longo desta pesquisa significou afirmar de modo contundente a necessidade de analisar os quadros contextuais do campo científico em Ciência da Informação, bem como as dimensões sociais, políticas da relação entre as produções brasileiras e as do exterior. Mergulhar no universo das disciplinas de fundamentos e epistemologias das pós-graduações em CI, se mostrou como um exercício extremamente rico em possibilidades e indicadores acerca dos aspectos temáticos, institucionais, metodológicos e políticos que perpassam o referido campo científico.

Hall (2003, p. 346) afirma que “é somente pelo modo no qual representamos e imaginamos a nós mesmos que chegamos a saber como nos constituímos e quem somos”. Ou seja, a partir de estudos, tais como realizado aqui é possível obter uma melhor mensuração das narrativas/produções científicas que um sujeito faz de si mesmo, e das que lhe são determinadas, que contribuem a se posicionar no mundo, positivamente ou negativamente.

Como reflexões ainda que iniciais do estudo desenvolvido, observa-se que longa é a trajetória de autoras/es europeus e norte-americanos enquanto referências para o embasamento de estudos e pesquisas na CI brasileira, e que isso ocorre no processo de formação dos discentes de pós-graduação da área em que 75%

das referências que compõe as bibliografias dos programas de disciplinas são de autores/as estrangeiras/os (dessas majoritariamente são de autoria masculina), enquanto apenas 25% são de autoria nacional.

Neste sentido, aqui se pontuam aspectos que possibilitaram uma visão sobre como a produção brasileira é ínfima e as relações de colonialidade do saber em que a pesquisa brasileira está inserida, pois ainda que tenha muitos programas de pós-graduação, pesquisadores(as) e pesquisas, pouco são usadas nesse caso, até mesmo para a formação dos pesquisadores, se comparada com as produções estrangeiras.

Salienta-se que este trabalho não teve por objetivo destituir as produções europeias ou do Norte Global e sua respectiva contribuição para a constituição da CI brasileira, mas de refletir sobre os motivos de serem sempre usados e legitimados em relação às outras produções fora desse eixo hegemônico na construção do conhecimento humano, sobretudo a partir da ciência pela qual falamos.

Reflete-se, então, sobre o epistemicídio que ocorre nas produções brasileiras e se reivindica o reconhecimento da diversidade e da construção de saberes na ciência, sobretudo essa a qual fazemos parte. Essa é, no entanto, apenas o início de reflexões sobre o tema, pela qual salientamos possibilidades de pesquisas no campo temático dos programas de pós-graduação, bem como de coautoria, pela qual acreditamos que possa fornecer importantes subsídios sobre os caminhos do desenvolvimento da agenda de pesquisa e estudo da Ciência da Informação no Brasil e das relações de poder e colonialidade em que estas estão inseridas.

Referências

ARBOIT, Aline Elias. **O processo de consolidação da Ciência da Informação no Brasil: a realidade concreta expressa pelas instituições científicas**. Orientador: Leilah Santiago Bufrem. 2010. 185 f. Dissertação (Mestrado em Ciência, Gestão e Tecnologia da Informação) - Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2010. Disponível em: <https://acervodigital.ufpr.br/handle/1884/24003>. Acesso em: 28 out. 2020.

ARBOIT, Elis Arboit; BUFREM, Leilah Santiago; MOREIRO-GONZÁLEZ, José Antonio. A produção brasileira em ciência da informação no exterior como reflexo de institucionalização científica. **Pesquisa Brasileira em Ciência da Informação e Biblioteconomia**, v. 16, n. 3, p.75-92, jul./set. 2011. DOI: <https://doi.org/10.1590/S1413-99362011000300005>. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/pci/v16n3/05.pdf>. Acesso em: 28 out. 2020.

ARAÚJO, Carlos Alberto Ávila. **O que é Ciência da Informação**. Belo Horizonte: KMA, 2018.

AZEVEDO, Alexander Willian. Perspectivas da produção científica sobre epistemologia da ciência da informação no âmbito do ENANCIB. **Ciência da Informação em Revista**, v. 6, n. 3, p. 66-80, 2019. DOI: <https://doi.org/10.28998/cirev.2019v6n3e>. Disponível em: <https://www.seer.ufal.br/index.php/cir/article/view/8648>. Acesso em: 28 out. 2020.

BUFREM, Leilah Santiago. A prática da pesquisa e os quadros teóricos concorrentes no campo de produção científica em Ciência da Informação. **P2P & INOVAÇÃO**. Rio de Janeiro, v. 4, n. 1, p. 35-58, set./fev. 2018. DOI: <https://doi.org/10.21721/p2p.2017v4n1.p35-58>. Disponível em: <http://revista.ibict.br/p2p/article/view/3983>. Acesso em: 18 jul. 2020.

BUFREM, Leilah Santiago; BRENDA, Sônia Maria; FREITAS, Juliana Lazzarotto; SORRIBAS, Tindra Viana. Construção epistemológica da Ciência da Informação: uma análise da produção científica periódica brasileira (1970-2008). *In*: ROMERO, Nuria Lloret. (Org.). **Nuevas perspectivas para la difusión y organización de conocimiento**: Actas del Congreso - IX Congreso Iско-España. València: Universitat Politècnica de València, 2009, v. 1, p. 299-317.

DUSSEL, Enrique. Meditações anti-cartesianas: sobre a origem do anti-discurso filosófico da modernidade-Parte I. **Filosofazer (impressa)**, v. 46, n. 1, 2015.

KILOMBA, Grada. **Memórias da Plantação: episódios de racismo cotidiano**. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.

GOMES, Hagar Espanha. Experiência do IBBD em programas de pós-graduação. **Revista da Escola de Biblioteconomia da UFMG**, Belo Horizonte, v. 3, n. 1, p.13-26, mar. 1974.

GROSGOUEL, Ramón. A estrutura do conhecimento nas universidades ocidentalizadas: racismo/sexismo epistêmico e os quatro genocídios/epistemicídios do longo século XVI. **Soc. Estado., Brasília**, v. 31, n. 1, p. 25-49, Abr. 2016. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0102-69922016000100003>. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-69922016000100025. Acesso em: 6 set. 2020.

HALL, Stuart. **Representation**: cultural representations and signifying practices. London: Sage, 2003.

hooks, bell. **Talking back**: thinking feminist, talking black. Boston: South End Press, 1989.

MIGNOLO, Walter. The Decolonial Option. *In*: MIGNOLO, Walter; WALSH, Catherine E. **On decoloniality**: concepts, analytics, praxis. Durham: Duke University Press, 2018. Parte 2.

PINHEIRO, Renatha James Diógenes. **Mapeamento do conceito de informação**: um estudo bibliométrico nos periódicos TransInformação e Perspectivas em Ciência da Informação. 2009. 158 f. Dissertação (Mestrado Acadêmico em Ciência da Informação) – Programa de Pós-graduação em Ciência da Informação da Pontifícia Universidade Católica de Campinas, Centro de Ciências Sociais Aplicadas, PUC Campinas, 2009. Disponível em: <http://tede.bibliotecadigital.puc-campinas.edu.br:8080/jspui/handle/tede/824>. Acesso em: 6 set. 2020.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **O fim do império cognitivo: a afirmação das epistemologias do Sul**. Autêntica, 2019.

SANTOS, Boaventura de Souza. **Pela Mão de Alice: o social e político na pós modernidade**. São Paulo: Cortez Editora, 1995.

SARACEVIC, Tefko. Ciência da Informação: origem, evolução e relações. **Perspectivas em Ciência da Informação**, Belo Horizonte, v. 1, n. 1, p. 41-62, jan./jun. 1996. Disponível em: <http://portaldeperiodicos.eci.ufmg.br/index.php/pci/article/view/235>. Acesso em: 6 set. 2020.

SILVA, Jonathas Luiz Carvalho da; FREIRE, Gustavo Henrique de Araújo. **Ciência da Informação brasileira e a pós-graduação: perspectivas históricas e múltiplas identidades**. João Pessoa: Editora da UFPB, 2015.

SEGATO, Rita. **La crítica de la colonialidad em ocho ensayos: y una antropología por demanda**. Ciudad Autónoma de Buenos Aires: Prometeo Libros, 2018.

WALSH, Catherine E. Decoloniality in/as Praxis. *In*: MIGNOLO, Walter; WALSH, Catherine E. **On decoloniality: concepts, analytics, praxis**. Durham: Duke University Press, 2018. Parte 1.

Sobre os autores

Vitória Gomes Almeida

Doutoranda em Ciência da Informação. Prof^a do Centro de Ciências Sociais Aplicadas da Universidade Federal do Cariri.

vitoriagomesalmeida@yahoo.com.br

Ermeson Nathan Pereira Alves

Mestre em Ciência da Informação. Doutorando em Ciência da Informação na Universidade Federal da Paraíba.

ermesonathan@hotmail.com

Dávila Maria Feitosa da Silva

Mestra em Biblioteconomia. Doutoranda em Ciência da Informação na Universidade Federal da Paraíba

davillafeitosa@gmail.com

Notas

Agradecimentos

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior.

Aprovação de Comitê de Ética em Pesquisa

Sim ou Não.

Conflitos de interesses

Sim ou Não.

Artigo submetido em: 13 jan. 2021.

Aceito em: 13 jan. 2021.



Esta obra está licenciada com uma Licença [Creative Commons Atribuição-NãoComercial-Compartilha Igual 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by-nc-sa/4.0/).

UFCA UNIVERSIDADE
FEDERAL DO CARIRI

Centro de Ciências Sociais Aplicadas
Mestrado Profissional em Biblioteconomia
Revista Folha de Rosto



✉ folhaderosto@ufca.edu.br

📷 [@revistafolhaderosto](https://www.instagram.com/revistafolhaderosto)

🐦 [@revfolhaderosto](https://twitter.com/revfolhaderosto)

Este periódico é uma publicação do [Programa de Pós-Graduação em Biblioteconomia](#) da [Universidade Federal do Cariri](#) em formato digital e periodicidade quadrimestral.